

O DISCURSO CITADO NA FESTA DE MANUELZÃO*

Maria Célia de Moraes LEONEL**

RESUMO: O artigo examina a recriação de notas de A boiada (diário de viagem de Guimarães Rosa) referentes ao discurso direto em "Uma estória de amor". A retomada dessas anotações, ocorrendo preferencialmente no discurso citado das personagens, reforça a presença de regionalismos lingüísticos nessa instância, sem estabelecer a dicotomia entre o discurso citado e do narrador.

UNITERMOS: Regionalismo lingüístico; discurso citado; texto de Guimarães Rosa; "Uma estória de amor"; notas de viagem.

É praticamente impossível tratar de Guimarães Rosa sem mencionar as particularidades lingüísticas de sua produção. Os estudos sobre ela, de maneira geral, ainda que não direcionados para a análise da linguagem, referem-se aos regionalismos, eruditismos, arcaísmos, estrangeirismos, neologismos. Como assinala Pedro Xisto: "A linguagem de João Guimarães Rosa provirá, portanto, dos 'Gerais', em boa parte. Mas nas serranias ecoam vozes de toda parte. Vozes arcaicas, desde aquelas com que 'vocavit Adam animae viventis'. Vozes exóticas. Vozes ecumênicas. Vozes eruditas. Vozes requintadas. De circunstâncias. De essências. De quinta-essências" (9, p.21).

Neste caso, examina-se um procedimento rosiano na elaboração de "Uma estória de amor", novela de *Corpo de baile*, envolvendo a voz dos Gerais. Trata-se do modo de recriação, nesse texto, do discurso direto presente nas notas do diário denominado *A boiada*, dividido em dois blocos – *A boiada 1* (B1) e *A boiada 2* (B2) –, que se encontra no Arquivo Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (4). Esse diário resultou de uma viagem realizada pelo escritor, em maio de 1952; à fazenda da Sirga em Minas Gerais, na região do rio de Janeiro, afluente do São Francisco, de onde acompanhou uma boiada a Araçá.

* Uma versão resumida deste trabalho foi apresentada em 12/7/1988 na 40ª Reunião Anual da SBPC (USP – São Paulo).

** Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

No texto ficcional, através da metalinguagem, o discurso do narrador – em boa parte limitado à consciência do protagonista – volta-se para o falar dos habitantes das proximidades do rio de Janeiro, espaço diegético da novela: “Não falavam mole, como os do Centro, nem assurdado remancheado feito os do Alto-Oeste, sua terra. Falavam limpo duro. Eram diversos” (7, p.125). Sobre o modo de rezar dos convidados de Manuelzão, lê-se: “Que rezavam a continuação do têrço, cantado: as mulheres entoavam, os homens no cantarol baixinho, uns desferindo falsete, a vozeada junta semelhava linguagem de baiano, do Bom-Jesus” (7, p.121).

Como diferentes componentes da novela, os exemplos acima citados e outros mais constroem-se com a retomada de anotações de *A boiada*:

“Linguajar com muitas outras palavras: em vez de ‘segunda-feira’, ‘terça-feira’, era ‘*desamenha é dia-de-têrça, dia-de-quarta*’; em vez de ‘parar’, só falavam ‘*esbarrar*’ – parece que nem sabiam o que é que ‘parar’ significava; em vez de dizerem ‘na frente, lá, ali adiante’, era ‘*acolá*’, e ‘*acolá-em-cima*’, e ‘*p’r’acolá*’, e ‘*acoli*, *p’r’acoli*’ – quando era para trás, ou ali adiante de lado...” (7, p.125) (Grifos do autor.) Em *A boiada* está:

“Linguajar do Sertão:

esbarrar = parar
 dia de domingo = domingo
 dia de terça-feira, etc = terça-feira, etc.
 acolá = na frente, lá, ali adiante
 acolá em cima = lá em cima
 acoli = para trás, ali adiante
 pracoli = idem” (4, B2, p.49)

A percepção dessa diversidade fônica e léxica, manifestada pelo protagonista – que, como Guimarães Rosa, vinha de outro espaço, “do Maguiné” –, não impede, antes impele, a disseminação de “outras palavras” no texto ficcional. Isto ocorre não apenas no discurso direto: “– Antão, aqui a gente se aparta. Você vai p’r’aqui, eu p’r’ali, outro p’r’ali, êste p’r’acolá, outro pr’r’acoli...” (7, p.186), mas também no do narrador: “Velho Camilo tinha vindo p’r’acoli, nem se sabia de donde” (7, p.142).

A forma *esbarrar* surge reiteradas vezes no diário de viagem:

“Eles ‘esbarraram’ = pararam, se detiveram. (Muito usado, aqui)” (4, B2, p.9)

“– Aqui nossa desnatação é muito apoucada. Até *esbarremos*... (esbarrar = parar)

Hoje, andamos entre 4 ou 5 léguas.

– Aquela aguinha onde nós esbarremo (sic) (onde nós paramos e descansamos hoje, durante uma hora)” (4, B2, p.44). (Grifo do autor.)

E na novela. “O padre não esbarrava de rezar no quarto, não se adormecia?” (7, p.140). Não se transcrevem aqui todos os momentos em que essa ou outras formas e construções foram recriadas na narrativa; registraram-se apenas alguns exemplos, dada a sua grande quantidade. Assim, no discurso direto ou citado da personagem:

“– Manuelzão, a gente não puderam vir antes, êste seo Vevelho dava testemunha: um boiadao que chegara e esbarrara, para travessar o rio, (...)” (7, p.123).

É bastante considerável, nas notas de *A boiada*, a presença do discurso direto. São registros acompanhados de travessão ou de aspas, ou dos dois sinais combinados, ou de outros indicadores, como o nome próprio, entre parênteses, em geral encerrando a nota: “O passo ou galope do cavalo é mais firme. ‘Mais machacá’ (Santana)” (4, B2, p.63). Embora esse tipo de anotação possa ser associado à fala sertaneja ouvida por Guimarães Rosa, é impossível saber em que medida isto ocorreu, como também é muito difícil avaliar o grau da elaboração por ele empreendida. O que importa é a forma dialógica do registro.

Assim sendo, ao efetuar-se a colação entre “Uma estória de amor” e *A boiada*, chama a atenção que notas dessa natureza renasçam na ficção preferencialmente no discurso direto.

Vocábulos, expressões, frases, diálogos inteiros criados/recriados na viagem ao interior mineiro, transfiguram-se na obra, mantendo a peculiaridade regional.

Uma fórmula de tratamento, registrada entre notas de conteúdos díspares, reforça, no tom regional, a submissão característica do agregado da fazenda, por sua vez reveladora da condição subalterna do protagonista, eclipsada e ao mesmo tempo presente nas suas divagações durante a festa, as quais ajudam a compor a reflexão sobre as relações de exploração econômica veiculada pela novela:

“– ‘Nhor?’ ” (4, B1, p.18).

“Se ocupava nisso (o velho Camilo) com um suspender de tristeza, caçava de sair fora da festa? (...)”

“– ‘Nhor?’ ” (7, p.166).

Duas variantes de uma mesma expressão anotadas em 1952 são retomadas no texto ficcional. Uma delas, num procedimento metalingüístico que revela novamente a percepção, pelo protagonista, do linguajar diverso:

“– Será dúvida” (4, B1, p.64).

“Sem um sorriso, sem se ressair, o velho Camilo oferecia auxílio, no desarream a montada. – ‘Será dúvida?’ – requeria sempre. A mesma fórmula, usava-a, um tom, às horas de comer, quando, deixando-se por último, se dirigia afinal à porta-da-cozinha, para receber seu prato feito: – ‘Será dúvida?’ ” (7, p.118).

A outra variante, com mais uma recriação dos textos de viagem, recupera-se no diálogo final da novela:

“A negra deu o recado: que êle pudesse ir.

– É dúvida? – Não.

Quando o dia estava perto de amanhecer, ...:

– Uai, é dúvida? – Não” (4, B1, p.53).

“O sol ainda não safu. Está clareando agora, *resumindo*” (4, B2, p.73). (Grifo do autor.)

“– Espera aí, seo Camilo...

– Manuelzão, que é que há?

– Está clareando agora, está resumindo...

– Uai, é dúvida?” (7, p.192-3).

Em *A boiada* está anotado:

“Da velha preta contadora de estórias:

‘bebida doce e bebida brava’ ” (4, B1, p.50). No plural, a expressão renasce na fala de Manuelzão:

“– (...) A festa é da Santa... Aqui tem bebidas doces e bebidas bravas...” (7, p.122). Como neste caso, outras construções são retomadas, mantendo-se parte do contexto lingüístico em que aparecem, com suas especificidades regionais:

“– Tem poucas môças lá, o povo vive tudo às *gatas* (por môça), (pra tomar...) (Aquiles)” (4, B2, p.55).

“Tinha môças à vontade, pra casamento e pra namôro (...) – ‘As bonitas? O povo vive tudo às *gatas*, por elas, p’ra tomar...’ ” (7, p.154).

“– ‘Eu fui lá pra baixo – como diz o negócio: *pedindo e furtando...*’ ” (4, B2, p.67) (Grifo do autor).

“Tinha vindo em ôco: – ‘E desci cá p’ra baixo, como se diz, como diz o negócio: *pedindo e roubando...*’ ” (7, p.125). (Grifo do autor.)

As modificações introduzidas, de algum modo reforçadoras da oralidade popular, repetem-se em outras oportunidades. Além disso, se no registro de viagem o grifo refere-se à fórmula sertaneja, é significativo verificar que ele se mantém mesmo quando a expressão sofreu transformação, o que reforça a constatação de que a Guimarães Rosa importava o processo de criação lingüística regional. Por isso, talvez, nem sempre os elementos grifados no texto ficcional apresentam-se assim nas anotações de viagem, ocorrendo também o contrário.

Outros exemplos, em que a construção frasal foi aproveitada, podem ser arrolados:

“– Não quer casar?

– Não. Já passei do rumo...” (4, B1, p.56).

“– ‘Seo Camilo, o senhor também não se casa? – Já passei do rumo...’ ” (7, p.157).

Na recriação que se segue, evidencia-se também a semelhança no nível sonoro do signo que substitui o antropônimo *Luiza*, reiterando o sibilo da frase:

“A mãe da meninazinha com a maleita:

– Vim soprar arroz para a comadre Luiza...” (4, B1, p.27).

“– ‘Vim soprar arroz p’ra sa dona Leonísia...’ ” (7, p.133).

A intenção de fixar no discurso ficcional uma construção peculiar pode ter contribuído para a intercalação da narrativa acerca da morte da *sussuarana-do-lombo-prêto* por duas mulheres:

“Geralista:

– Tem onça? Vocês têm medo?

– ‘A gente tem remorso delas não’ ” (4, B1, p.18-9).

“– ‘Vocês não têm medo de onça?’ Essas respondiam: – ‘A gente tem remorso delas não’ ” (7, p.141).

Os casos de recuperação frásica são numerosos. Refundidas, duas anotações surgem num diálogo de muitas vozes, revelador da atmosfera de libertação que o *romanço* do velho Camilo provoca:

“LAÇO: – Eu gosto de ver a argola (do laço) estalar no pé-do-chifre e o trem pular pra riba” (4, B1, p.57).

“(Chico Carreiro): – Eu gosto, por demais, de ajudar numa saída de gado... Vadiar com os companheiros...” (4, B2, p.1).

“– Laço lação? Eu gosto de ver a argola estalar no pé-do-chifre e o trem pular pra riba!

– Aprecio, por demais, de ajudar numa saída de gado. Vadiar mais os companheiros...” (7, p.192)

Há também a reformulação popularizadora da fala e contrafala, ambas grifadas, o que não acontece em *A boiada*:

“(Aquiles):

– Você vai trabalhar na roça?

– Agora, não. Agora eu vou ajudar o povo a tirar o gado” (4, B1, p.80).

“Ali perto, sobre assim, outros davam pergunta e resposta: – ‘Oi, Aquiles, cê rompe na roça?’ ‘– Agora, não. Amanhã eu fico, vou ajudar o povo a tirar o gado...’ ” (7, p.176) (grifo do autor).

O diálogo de doze linhas da página 171 de “Uma estória de amor”, encerrado em aspas como uma citação de citações, é todo ele transfiguração de *A boiada 1*. As modificações recebidas na ficção são poucas: *seu Zé* dá lugar a *seu Sejasmim*, atestando a preferência pelo antropônimo singular; *trouxe* passa a *truxe*.

Já a comparação entre as duas versões da última fala mostra que também a elipse da forma verbal *anda*, constatada tanto na primeira (5, p.219) quanto na segunda edição (6, p.135), ocorre como intervenção criadora no registro do diário em que não havia omissão:

“– Eu sabia que ela anda por lá, na beira das Pedras” (4, B1, p.17).

“– Eu sabia que ela por lá, na beira das Pedras” (7, p.171).

Nas coletâneas posteriores esse tipo de construção se acentua, verificando-se em *Corpo de baile* em quantidade mais reduzida, como no exemplo: “Agora a gente ouvia a risada alegre do Promotivo, ele também na cozinha, (...)” (7, p.137).

Mas, a propósito do diálogo acima referido, o narrador comenta: “Manuelzão escutava aquelas frases, a um modo esquipáticas, soavam como um relato de outros tempos” (7, p.171).

O exemplário aqui reunido é apenas uma amostra reduzida das ocasiões em que, nos diálogos da novela, a dicção sertaneja relaciona-se ativamente com o discurso direto de *A boiada*. Mais raramente nota-se a ocorrência de procedimentos diferentes, ou seja, a incorporação, no discurso do narrador, de nota que se refere à fala. No exemplo que se segue tem-se ainda um tipo de recurso metalingüístico comum na obra rosiana:

“A comitiva tem de levar água em ôdres (de couro) – ‘borracha’. É um saco de sola – Ele está dependurado aí, nalgum alto, na beirada de casa” (4, B1, p.78).

“O fim do sol ainda dava nas paredes dos ranchos dos vaqueiros – nas beiradas delas estavam pendurados os sacos de sola – as ‘borrachas’, os bogós. Nesses ôdres de couro, tinha-se de levar a água para a gente beber, (...)” (7, p.171).

A disseminação de componentes da linguagem regional no texto rosiano salta à vista desde *Sagarana*, onde, muitas vezes, se destacam pelo grifo, o que ocorre em “Uma estória de amor” de modo mais reduzido. Nesta novela, todavia, o regionalismo lingüístico nos diálogos é reforçado pela retomada do discurso direto fixado nos textos de viagem, no discurso citado das personagens.

Mesmo levando-se em consideração os efeitos da elaboração literária já nas notas de *A boiada*, não se descarta a forte presença do “linguajar do sertão”. Tratando-se, portanto, de alguma maneira, da linguagem de outro, abre-se, no texto ficcional, a possibilidade da dicotomia discurso citado/discurso do narrador. A divisão não se manifesta, é sabido, em virtude da assimilação profunda dos regionalismos e dos demais recursos expressivos através de procedimentos já levantados e classificados por vários estudiosos. Em “Os vastos espaços”, Paulo Rónai lembra que Guimarães Rosa, apesar de ter surgido na literatura brasileira como regionalista, não usou nenhuma das três técnicas que servem ao regionalismo: linguagem regional empregada indistintamente no texto todo, ou só nas falas das personagens ou substituída por uma linguagem convencional. “A quarta solução, adotada por ele, consistia em deixar as formas, rodeios e processos da linguagem popular infiltrarem o estilo expositivo e as da língua elaborada embeber a linguagem dos figurantes” (4, p.xli). Tal solução garante, nas duas instâncias (discurso direto e discurso indireto), a harmonia e a estranheza na totalidade do texto.

O modo detectado, todavia, intensifica o aspecto documental no plano da expressão. Essa ênfase se reproduz em outros níveis de “Uma estória de amor”, como na construção das personagens, em elementos da fábula, na ambiência social, no espaço.

O embasamento regional na obra rosiana – como evidencia Antonio Candido des-

de seu texto de 1946 sobre *Sagarana* –, “transcende a região” (1). Já os estudos que se fixam na produção de Guimarães Rosa e também em determinados elementos do Arquivo do escritor, entre outras conclusões, demonstram que a documentação, no que se refere à vida sertaneja, é ainda maior do que se supunha.

LEONEL, M. C. de M. – The quoted discourse in Manuelzão’s feast. *Alfa*, São Paulo, **34**: 29-35, 1990

ABSTRACT: The article examines the recreation of the notes from A boiada (the diary of the travel of Guimarães Rosa) referring to the direct speech in “Uma estória de amor”. The resuming of such notes, mainly occurring in the direct speech of the characters, reinforces the presence of linguistic regionalisms at that instance without establishing the dichotomy between the direct speech and that of the narrator.

KEY-WORDS: Linguistic regionalism; direct speech; Guimarães Rosa’s text; “Uma estória de amor”; travel notes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANDIDO, A. “Sagarana”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1946. *Apud* COUTINHO, E. de F., org. – *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1983. p. 243-7 (Fortuna Crítica, 6)
2. LEONEL, M. C. de M. – *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto*. São Paulo, FFLCH/USP, 1985. (Tese Dout.) mimeo.
3. RÓNAI, P. – Os vastos espaços *In*: ROSA, J. G. – *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. xxix-lviii.
4. ROSA, J. G. – *A boiada 1 e A boiada 2*. Arquivo Guimarães Rosa, Instituto de Estudos Brasileiros/USP.
5. ——— – Uma estória de amor. *In*: ——— – *Corpo de baile; sete novelas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. v.1.
6. ——— – Uma estória de amor. *In*: ——— – *Corpo de baile; sete novelas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. p.84-152.
7. ——— – Uma estória de amor. *In*: ——— – *Manuelzão e Miguilim; Corpo de baile*. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970. p.107-93.
8. VASCONCELOS, S. G. T. – *Baú de alfaias*. São Paulo, FFLCH/USP, 1984. (Diss. Mestr.) mimeo.
9. XISTO, P. – À busca da poesia. *In*: ——— – *et alii Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo, Cons. Est. de Cult., 1970. p.7-39.